

TODOS OS CAMINHOS LEVAM ÀS OLLAS? UM ESTUDO SOBRE OS *HABITANTES DE CALLE* DE BOGOTÁ

Karine Gonçalves Carneiro

Profa. Dep. de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto – DEARQ/UFOP; Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PROPPG/PPG – PUC-Minas; Bolsista da CAPES¹ – Proc. nº BEX 3534/14-6; carneirokari@gmail.com

Introdução

Para compreender a proposta deste artigo é necessário remetê-lo a uma investigação mais abrangente da qual é parte: uma pesquisa de doutorado, em Ciências Sociais, ainda em andamento. Essa empreitada maior pretende, através de um estudo comparado entre os ‘moradores de rua’ de Belo Horizonte e os ‘*habitantes de calle*’² de Bogotá, contribuir para a compreensão de seus modos de vida e da forma como materializam, na cidade, suas atividades cotidianas.

Em outras palavras, pode-se dizer que se busca iluminar o contraste e as complementariedades existente entre, de um lado, a espacialidade derivada da estruturação dos modos de vida dos moradores de rua e, de outro, as regulamentações, normas e normalizações relacionadas direta e indiretamente a esta população. População que é atravessada por poderes e saberes em sua conformação social, econômica e espacial por meio de arranjos, estratégias e táticas de poder/saber que incidem sobre seu cotidiano e sobre suas formas de apropriação dos espaços públicos³ num contexto de cidades marcado pelo neoliberalismo urbano⁴.

Nesse sentido, o posicionamento foucaultiano frente as questões relacionadas ao poder/saber tornam-se essenciais para o estudo, assim como as noções de poder disciplinar, biopoder, biopolítica, estratégias, táticas, mecanismos, tecnologias e dispositivos também

¹ A investigação realizada que possibilitou a escrita deste artigo só foi possível em função do apoio dado pela CAPES, através do programa de bolsas de doutorado sanduíche. A bolsa possibilitou a realização do trabalho de campo, com duração de seis meses – agosto de 2014 a janeiro de 2015 –, em Bogotá, e os respectivos levantamentos e coleta de dados.

² A população heterogênea que tem na rua a base de sua existência, indiferentemente do país ou região onde vive, quando geralmente identificada pelo senso comum, recebe denominações que ressaltam supostos perfis que variam não apenas historicamente como também a partir do sujeito da fala. No Brasil, os nomes mais usuais são mendigos, vagabundos e moradores de rua, população em situação de rua ou, simplesmente população de rua (NEVES 2010). Na Colômbia aparecem as alcunhas de *indigentes*, *desechables*, *gamines* ou *habitantes de calle* (CARRASCAL; LONDOÑO, 2010). Para efeito deste trabalho serão utilizados os termos moradores de rua e *habitantes de calle* quando referências forem feitas, respectivamente, a tais sujeitos no Brasil ou na Colômbia. Tal diretriz vem em função da forma majoritária pela qual se autodenominaram ao longo da investigação.

³ Como espaços públicos consideram-se, para efeito de pesquisa neste artigo, as ruas, praças, parques, largos e baixios de viadutos.

⁴ Termo utilizado por Carman e Janoschka (s/d) no artigo “*Presentación del Dossier Ciudades en disputa: Estudios urbanos críticos sobre conflictos y resistencias*”.

amplamente explorados pelo autor⁵.

O momento sobre o qual o estudo se debruça, entretanto, está relacionado à investigação de campo, na cidade de Bogotá, que ocorreu entre os meses de julho a dezembro de 2014. A partir de uma série de levantamentos realizados – e que estão relacionados à localização e aos deslocamentos desta população no território; as políticas, legislações e instituições que a ela se relacionam; a diversidade e heterogeneidade de sua composição; à forma como são estruturadas suas atividades cotidianas; ao modo como se apropriam dos espaços públicos e dos serviços a eles oferecidos – um fator foi se conformando como estruturante do cotidiano dos *habitantes de calle*: sua relação com as *ollas* (pontos fixos no território que estabelecem, a partir de seu centro, áreas de influência e abrangência em função da comercialização e consumo de drogas).

Para explorar a temática, o artigo estará estruturado de forma a: elucidar o trabalho de observação de campo em termos de possibilidade de ação e metodologia; explorar a dinâmica *ollas/habitantes de calle* a partir dos dados levantados; indicar, em função da resposta à pergunta que intitula este artigo, os caminhos pelos quais a investigação prosseguirá.

O campo como lugar de encontro com os ‘saberes sujeitados’

De início, é necessário ressaltar que a relação entre as *ollas* e os *habitantes de calle* não foi um ponto de investigação estabelecido *a priori*, mas elaborou-se a partir do próprio trabalho de campo pautado por uma postura investigativa que, dentro de um quadro teórico-metodológico mais geral, buscou por aqueles saberes, conceituados por Michel Foucault (1999), como saberes sujeitados ou locais porque destituídos da operacionalização dos saberes considerados como científicos.

Segundo o autor, a busca pela emergência de saberes locais em oposição a teorias unitárias deve ocorrer para que “[...] intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência que seria possuída por alguns” (FOUCAULT, 1999, p.13).

Saberes sujeitados passíveis de provocar reviravoltas em função da pertença ao saber histórico das lutas e dos combates e, portanto, vinculados a estratégias, táticas e arranjos

⁵ Para isso tornam-se essenciais, mas não suficientes, as publicações: Em Defesa da Sociedade (2005); Nascimento da Biopolítica (2008a); Segurança, Território, População (2008b); O História da Sexualidade I: a vontade de saber (1988) e Vigiar e Punir (1997).

de poder que se perfazem no momento mesmo desses embates.

Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma serie de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. (...) esse saber que denominarei, se quiserem, o "saber das pessoas" (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas a contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam). (FOUCAULT, 1999, p.12)

Saberes, assim, no âmbito dessa investigação, cotidianamente (re)construídos pelos *habitantes de calle* a partir dos enfrentamentos e lutas com outros sujeitos, com o espaço – que tanto os circundam como que se preenchem com sua presença – e entre eles mesmos.

Dessa forma, buscou-se, num exercício de observação participante⁶, estar presente nos mais diversos ambientes e situações que possibilitassem compreender a dinâmica cotidiana dos *habitantes de calle*. Para isso, foram realizadas incursões tanto nos espaços públicos apropriados pela população de rua como nos espaços especializados criados para essa mesma população para o desenvolvimento de atividades que serão explicitadas mais a frente.

É válido mencionar que as atividades desenvolvidas ao longo da observação foram conduzindo as investigações para determinadas áreas da cidade: as localidades⁷ de *Los Mártires*, *Candelária* e *Santa Fé*. Esse fato foi de suma importância para a delimitação da área de pesquisa em um Distrito Capital⁸ que possui uma área urbana de 38.438ha e é composto por 20 localidades com uma estimativa populacional, para 2015, de 7.878.783 habitantes (SDP, 2014). Esse fato, todavia, não impediu a compreensão da questão em uma dimensão urbana mais abrangente.

⁶Por observação participante compreende-se o “processo pelo qual mantém-se a presença do observador em uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está face a face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto”. (SCHWARTZ e SCHWARTZ, 1955 *apud* CICOUREL, 1980, p.89)

⁷A dinâmica político-administrativa de Bogotá Distrito Capital ocorre por meio da divisão de seu território em localidades. Bogotá conta com um conjunto de 20 localidades que, por sua vez, são divididas em Unidades de Planejamento Zonal – UPZ compostas por vários bairros (DÍAZ, 2006).

⁸A organização político-territorial da República da Colômbia ficou conformada, após a Constituição de 1991, por 32 departamentos. Bogotá, além de ser a capital do departamento de Cundinamarca é também Distrito Capital e, portanto, sede do Governo Nacional (AGUILERA, 2002)



Imagem 1: Localidades de Bogotá Distrito Capital.

Disponível em: <<http://primerainfancia.org/pg/blog/archive/ivonne/1288594800/1291190400>>. Acesso em: 06 dez. 2014

As atividades de campo

Foram três as principais formas que permitiram, de modo concomitante, a aproximação aos *habitantes de calle* e seus saberes.

Uma delas ocorreu a partir de percursos e observações dos espaços de livre uso público, principalmente, em áreas das localidades de *Los Mártires*, *Candelária* e *Santa Fé* que coincidem com o núcleo central e histórico da cidade. Tal área é apontada pelo censo da população de *habitantes de calle*⁹, realizado em 2011, como a de maior concentração desta população que, em Bogotá, chega a 8.385 pessoas¹⁰. A investigação sobre essa região, entretanto, não tem nos dados censitários sua razão de ser. Na verdade, pode-se mesmo dizer que não foi uma escolha, mas o resultado do encadeamento do trabalho de pesquisa. A cada atividade e encontro, o limite de observação ia sendo definido pelo próprio ato de investigação.

Realizadas tanto no período diurno como no noturno e também em dias de semana e nos finais de semana, as observações ocorreram ao longo de todos os meses de trabalho e possibilitaram compreender localizações de atividades e trajetos feitos pelos *habitantes de calle* nos espaços da cidade. A cada percurso era também possível confrontar e confirmar as falas e depoimentos que foram fruto das demais atividades de campo. De grande importância, nesta etapa, foi a companhia, em alguns dias de percurso, do *Profe*¹¹ – um *ex-habitante de*

⁹ De acordo com o *Proyecto de Acuerdo* 8/2009 do *Consejo de Bogotá* (2009), *habitantes de calle* são aqueles que “não residem de maneira permanente no que se consideram habitações prototípicas como casa, apartamento ou quartos por, pelo menos, 30 dias consecutivos”.

¹⁰ Esse número, hoje, de acordo com as estimativas da *Secretaría Distrital de Integración Social* – SDIS – está em torno de 13.000 pessoas.

¹¹ Os *habitantes de calle*, muito raramente, dão seus nomes. Geralmente, possuem apelidos. *Profe* – forma de se endereçar a um professor – era o apelido do ex-morador de rua – que me acompanhou em momentos da pesquisa – durante os 15 anos de

calle – que não apenas tornou possível o direcionamento mas a entrada em áreas de acesso mais complicado devido a questões de segurança.

Os dados levantados nesta atividade foram cartografados, conforme mostra a imagem a seguir, para que se possibilitasse visualizar, de modo mais objetivo, a relação entre atividades, cotidiano e espaços públicos.

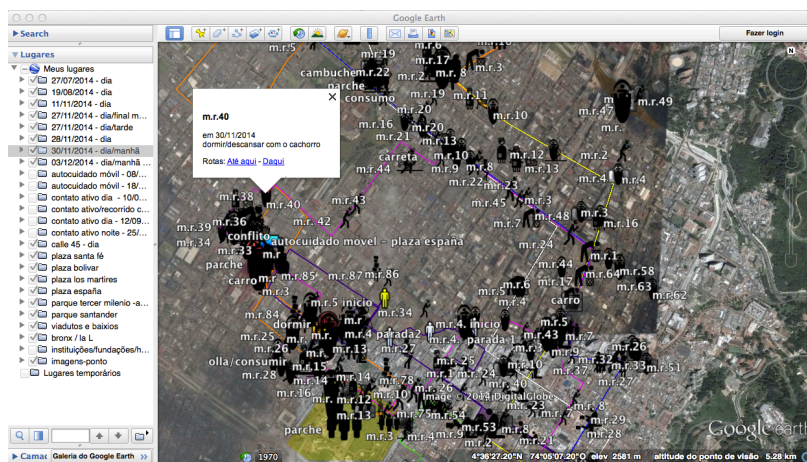


Imagem 2: Cartografia dos percursos realizados e atividades desenvolvidas pelos *habitantes de calle* (julho a dezembro de 2014) – Los Mártires/Santa Fé/Candelária – Bogotá.

Fonte: Base Google Earth – alterada pela autora.

Uma segunda forma de aproximação ocorreu em função do contato com a *Pastoral de Calle*, sob a responsabilidade da *Comunidad de las Hijas de la Caridad de San Vicente de Paúl*, encarregada da direção do Centro Ambulatório *Medalla Milagrosa* localizado em *Los Mártires*. A partir da *Pastoral de Calle*, foi possível realizar dois tipos de atividades que propiciaram o contato direto com os sujeitos da pesquisa. Uma delas foi feita através do ingresso ao grupo responsável pela distribuição de alimentos aos *habitantes de calle*, em um ponto fixo de *Los Mártires*, nas terças-feiras à noite¹². Durante o tempo do encontro, na rua, – e que abrangia orações, cânticos e alimentação – foi possível não apenas conversar com muitos deles, mas também acompanhar a forma como o grupo – que variava entre 25 e 50 pessoas – se conformava e alterava a cada semana.

A outra ocorreu dentro do dia a dia do Centro Ambulatório que recebe, de segunda a sábado, pela manhã, um grupo de até 25 *habitantes de calle*. Ali, tomam banho, o café da manhã, participam de atividades pedagógicas, de oficinas, de momentos de reflexão

suas permanência nas *calles* de Bogotá. Para preservar identidades, ao longo do texto, não serão utilizados os nomes verdadeiros dos participantes da investigação.

¹² Foram, ao todo, 11 participações: 02, 09, 16, 23 e 30 de setembro; 10, 17 e 24 de outubro; 21 e 28 de novembro; 02 de dezembro.

espiritual e almoçam. Durante sete sextas-feiras¹³ pude realizar, no espaço das oficinas, atividades e entrevistas em grupo. O objetivo era promover, de acordo com Frey e Fontana (1991), dados oriundos da interação entre os participantes do grupo e que não seriam possíveis através de entrevistas individuais. Ainda, a entrevista em grupo, enquanto possibilidade exploratória, permitiu identificar, através das falas e seus confrontamentos, a forma como os participantes estruturavam seu dia a dia em função das atividades que desenvolviam e de suas relações com os espaços públicos e de serviços.

Finalmente, a terceira forma de aproximação ocorreu através do contato com órgãos públicos, principalmente, com a *Secretaría Distrital de Integración Social* – SDIS. Por meio da subdireção para *Aduldez*, foi possível acompanhar vários dos serviços prestados aos *habitantes de calle* e, conseqüentemente, estar em contato com eles durante tais atividades. O acompanhamento ocorreu tanto em lugares especializados – *centros de acogida*, *centros de autocuidado* e *centros de desarrollo personal integral*¹⁴ – como também em espaços públicos por meio do *contacto activo*¹⁵ e das jornadas de *autocuidado móvel*¹⁶. A participação em cada uma das atividades permitiu não apenas ampliar o contato com os *habitantes de calle*, mas também observar conflitos e resistências relacionados, principalmente, as tentativas de incluí-los em programas e de institucionalizá-los.

Um outro ponto possibilitado pela incursão a SDIS foi o acompanhamento de atividades relacionadas ao tema, mas que não necessariamente contava com a presença dos *habitantes de calle*. Eram atividades internas da Secretaria ou reuniões com outros sujeitos envolvidos com a questão¹⁷, como, por exemplo, os comerciantes locais. A importância dessa experiência foi observar e contrastar posicionamentos, falas e propostas.

Desse modo, o processo de campo conduziu a um *crescendo* de percepções e complexidades nas quais o ‘ver’, como o verbo do conhecimento¹⁸, foi absorvendo os demais

¹³ As entrevistas ocorreram nos dias 03, 10 e 17 de outubro; 14, 21 e 28 de novembro; e 05 de dezembro.

¹⁴ Nos centros são oferecidos: café da manhã, banho, almoço, oficinas artísticas e laborais, atendimento psico-terapêutico, alojamentos, almoço e apoio médico e odontológico, dentre outros. Mais especificamente, no centro de *desarrollo personal integral* há um processo mais direcionado para o que é denominado como ressocialização e implica na permanência no local, dia e noite, por 9 meses consecutivos.

¹⁵ O contato ativo é uma forma de trabalho na qual equipes percorrem, em *vans*, regiões distintas da cidade para convidar os *habitantes de calle* a participarem dos serviços oferecidos pelos centros. Em caso de aceitação, são conduzidos pela equipe até esses locais.

¹⁶ O *autocuidado móvel* oferece grande parte dos serviços dos demais centros, mas também, a depender do local onde ocorre – já que implica na transposição de tais serviços para os espaços públicos – disponibiliza cabeleireiro, manicure, atendimento a animais de estimação (majoritariamente cães) e atividades de lazer.

¹⁷ Essas atividades incluíram modalidades diversas de participação: excursão com os comerciantes da região central com o objetivo de fazê-los conhecer os centros de serviços especializados para os *habitantes de calle*; reuniões que visavam discutir o conceito de um novo centro para a população de rua; grupo focal com os comerciantes para coletar dados que seriam considerados para a implementação do novo centro; *foro de habitabilidad en calle* que serviu de base para o lineamento de diretrizes para a política nacional, sobre esse tema, ainda em construção.

¹⁸ Em “As Metamorfoses do Olhar”, Gerd A. Bornheim (1988), desde as raízes gregas do verbo ver, mostra como seu significado esteve intrinsecamente vinculado ao ato do conhecimento e do encontro com a verdade. Da metafísica, passando

sentidos. Assim, tornou-se possível apreender, na multiplicidade, os saberes que se buscavam e que conduziram ao tema principal deste artigo.

Do olhar à sinestesia: a olla como ponto nodal de um sistema maior, bem maior.

Bogotá, cidade de traçado espanhol, “é uma referência às normas que desde a metrópole, Espanha, foram geradas para controlar a planificação do território americano” (PERILLA, 2008, p.23). Desse modo, seu desenho racional e retilíneo traduziu a intenção de implantação de uma lógica fortemente arraigada, de um lado, na tradição militar e, de outro, no modelo de cidade ideal cristã. (PERRILLA, 2008).

Foram nestas quadrículas do plano original – com ruas numeradas de norte a sul e avenidas do oriente para o ocidente, que facilitam o esquadrinhamento e a localização – que o olhar caminhante pode descortinar os sujeitos da investigação. Sem percursos previamente estabelecidos – num exercício de deriva¹⁹ urbana – nos interstícios da cidade teve início um exercício que, para Foucault, poderia ser compreendido como o complemento daquele da vigilância e do controle possibilitados pela arquitetura panóptica²⁰: o de vasculhar, examinar e mapear. A forma da cidade se prestou, assim, não apenas à otimização do controle e da vigilância, mas à facilitação da produção de conhecimento sobre os corpos. Foi possível identificá-los, diferenciá-los, quantificá-los: “duplo efeito dessa técnica disciplinar que é exercida pelos corpos: uma “alma” a conhecer e uma sujeição a manter” (FOUCAULT, 1997, p. 321).

Desse modo, num primeiro momento de investigação, o olhar, que buscava conhecer os *habitantes de calle*, atuava na dimensão do poder que era dado pela cidade e tirava partido da própria tecnologia panóptica que facilitava a observação daqueles que a percorriam. Assim, puderam ser observadas parte das atividades desempenhadas em seu dia a dia, nos espaços públicos: trabalhar (reciclando; tomando conta de veículos; verificando com um pedaço de madeira – nos semáforos – o estado dos pneus; lavando para-brisas; vendendo balas e amendoim), dormir/descansar (nas calçadas; nos baixios de viadutos; nos canteiros

por Santo Agostinho, até chegar à filosofia contemporânea, olhar, ver e verdade estiveram presentes nas discussões acerca do conhecimento.

¹⁹ A deriva é um procedimento situacionista que se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas (JACQUES, 2003). A deriva pretende uma resposta às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar com o intuito de perceber as articulações psicogeográficas de uma cidade.

²⁰ Em *Vigiar e Punir* (1997) Michel Foucault direciona uma parte de seu trabalho para as tecnologias impostas aos corpos para discipliná-los. Dentre eles, o mais perfeito, o panóptico de Jeremy Bentham: “na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (FOUCAULT, 1997, p.190).

centrais das avenidas; em bancos de praças; sobre pedaços de papelão; dentro de seus casulos tecidos com panos e plásticos; em *cambuches*²¹; nos carros de reciclagem), comer (assentados, nas calçadas, ao lado do saco de lixo de onde recolheram a comida; em pé, ao lado da lixeira de onde conseguiam recuperar recipientes com restos de sopa e pedaços de pão; caminhando, ao receber os restos de comida dados por transeuntes), lavar (na água armazenada em latas lavavam o cabelo, os rostos, as mãos; na nascente de um rio próximo as montanhas se banhavam ou lavavam suas roupas), fazer suas necessidades fisiológicas (próximo a um muro; em postes ou árvores; nos gramados; atrás de bancos de praças; em recuos de fachadas; na calçadas), consumir (cigarros; bebidas; cola de sapateiro), e outras mais.

Puderam-se observar também percursos e pontos de permanência. A relação entre atividades, lugares e horários era possível de ser construída no intuito de produzir uma espacialização/localização mais genérica do cotidiano do *habitante de calle*. Havia lugares mais propícios para dormir (nos canteiros centrais, por exemplo, eles não seriam incomodados pelo comerciante abrindo sua loja ou pelo residente saindo para o trabalho), para reciclar (o final do dia concentrava, em determinados pontos, uma quantidade maior de materiais recicláveis), para pedir esmolas (o centro da cidade possui um número expressivo de igrejas), para vender comidas (tanto nas estações como no interior dos ônibus, um número constante de pessoas formava um público potencial de consumidores de pequenos produtos) e para o encontro (praças, ruas e avenidas próximas às *ollas*).

Nesse contato inicial, foi possível elaborar a compreensão sobre a população de rua de Bogotá na região observada. Mas apesar da coleta dessas informações, foi no encontro com os outros procedimentos de investigação que se pode compreender a dinamicidade dos fatos de uma maneira mais complexa. O que se pretende encaminhar, a seguir, estabelece uma tarefa dupla. Explorar tal complexidade a partir da resposta à pergunta que intitula este artigo e, a partir daí, apontar o próximo questionamento, dele derivado e a ser explorado em um momento posterior.

Mais além do olhar, outros saberes

Aquilo que o olhar pode compreender como as atividades, lugares de permanência e percursos dos *habitantes de calle* foi confirmado pelos outros procedimentos de campo.

²¹ *Cambuches* são os cômodos/casas erguidos em lugares mais ermos que contam, geralmente, com um muro onde apoiam pedaços de madeira que são cobertos com camadas de plástico, madeira, chapas metálicas – coletados na própria rua. O cômodo resultante da arquitetura improvisada é – ao mesmo tempo – quarto, sala, cozinha e, à noite – para evitar as constantes baixas temperaturas da cidade –, banheiro.

Entretanto, a medida que a pesquisa se desenvolvia, esse quadro foi sofrendo ampliações. Como ilustração, apresenta-se uma compilação dos dados de uma das entrevistas em grupo realizada no Centro Ambulatório²².

Para que se pudesse explorar o assunto relacionado às atividades cotidianas desempenhadas pelos *habitantes de calle*, pediu-se a cada participante que escrevesse, em uma pequena ficha, uma atividade que fosse realizada em seu dia a dia para que, em seguida, fossem discutidos três aspectos sobre cada uma delas: espaços/lugares nos quais ocorriam; recursos materiais utilizados e necessários para realizá-las; os conflitos que poderiam ocasionar.

Ao final, as atividades trazidas em debate pelos participantes foram: viajar, fazer bicos, manipular, sobreviver, engraxar, roubar/furtar, negociar, trabalhar, consumir, dormir, reciclar, comer e namorar. Nas discussões relacionadas a cada uma delas puderam ser percebidas: formas distintas de realizá-las e as estratégias empregadas (facas, por exemplo, eram utilizadas por alguns para assaltar enquanto que outros, por temerem o efeito que as drogas lhes causava, preferiam não utilizá-las); concordâncias e discordâncias sobre determinadas questões (para alguns, o roubo jamais poderia ocorrer entre eles mesmos, enquanto para outros, isso não seria um problema pois “o que é perdido é, depois, repost”); posicionamentos mais ou menos rígidos com relação a certas ações (um do presentes apontou que de forma alguma venderia suas roupas enquanto os demais não viam nisso um problema já que seria um dinheiro aproveitado para comprar drogas).

Não é o objetivo deste trabalho explorar cada uma dessas atividades, mas mostrar que, em grande parte, cada uma delas é parte de uma dinâmica sócio-espacial e de um cálculo cotidiano que vincula o *habitante de calle* a um sistema mais amplo e abrangente estruturado pelas *ollas*.

As ollas no cotidiano dos habitantes de calle

Antes de responder mais diretamente a pergunta proposta no próprio título deste artigo, é necessário que se compreenda o que são as *ollas* na cidade de Bogotá. Não há trabalhos que tenham se debruçado mais diretamente sobre o tema, embora estejam presentes em alguns artigos²³ que tratam dos temas de requalificação e violência urbanas. Na verdade,

²² Foram necessárias duas sextas-feiras para finalizar a discussão de todas as atividades. No primeiro encontro havia 20 participantes: todos homens e de idades variadas. No segundo, o grupo era um pouco menor: 10 participantes (5 dos quais estavam presentes na semana anterior) e, dentre eles, duas mulheres. Em ambos os dias, todos os presentes eram consumidores ou policonsumidores.

²³ Ver: GÓNGORA e SUARÉZ (2008), HIGUERA (2011).

as fontes de informação escritas estão, em grande medida, nas matérias e notícias de jornais relacionadas com o combate ao microtráfego.

Por outro lado, durante o período de pesquisa, foi possível observar a movimentação no entorno de três *ollas* distintas: o *Bronx* – a maior *olla* da cidade –, *Cinco Huecos* e *La Favorita*. Formadas por uma edificação ou conjuntos de edificações – nas quais são realizadas negociações, venda e consumo de drogas – elas explodem suas atividades para as ruas do entorno imediato. A consequência desse fator é a privatização de trechos de espaços públicos que têm, através de barreiras físicas ou imaginárias²⁴, suas entradas restritas a usuários e frequentadores. Em todas elas, *campaneros* estão em vigília constante e mantêm as pessoas que por ali passam em constante circulação²⁵. As *ollas* observadas estão espacialmente vinculadas às atividades do cotidiano citadino, embora não passem despercebidas, já que estão localizadas nos trajetos que conformam o dia a dia de comerciantes, moradores e usuários dos locais onde se inserem.



Imagem 3: Bronx e as grades que limitam a entrada de “estranhos” a seu interior.

Fonte: Maurício Martinez – ago. 2014

O que é de interesse para este trabalho, entretanto, é que esses pontos encrustados na retícula das localidades centrais da cidade, aparece, de forma constante, na fala e nos trajetos dos *habitantes de calle*. Isso independe do tempo de rua, consumo²⁶ ou história de

²⁴ Em uma atividade de campo noturna, ao perguntar a um membro da equipe até onde podíamos chegar, na região de *Cinco Huecos*, ele apontou uma esquina e disse: “todos sabem que o limite é ali”.

²⁵ Em um dos dias de observação, uma parada na calçada oposta a uma das entradas do Bronx implicou no contato e intervenção de um dos *campaneros* do local: “Se não sabe o que quer, mova-se”.

²⁶ Do ponto de vista estatístico, dados apresentados por representantes da *Secretaría Distrital de Integración Social* – SDIS, durante o *foro Habitabilidad en Calle: dignidad humana, ciudadanía y convivencia* – nos dias 18 e 19 de Setembro, em

vida – mesmo para os poucos que não utilizam algum tipo de droga²⁷.

Para evitar um exercício demasiadamente exaustivo, algumas situações serão utilizadas para pontuar e comprovar essa situação. Viajar, por exemplo, é considerado pelos *habitantes de calle* não apenas como um deslocamento entre regiões distantes, mas também entre pontos da própria cidade. Assim, os percursos realizados, majoritariamente a pé, podem, de acordo com *El Profe*, levar um tempo que, psicologicamente, se amplia quando se está na “fissura” por um *bazuco*²⁸.

Os pequenos serviços que são realizados no dia a dia também se relacionam às *ollas* de forma direta (ser *campanero* ou servir de ponte entre a *olla* e consumidores mais abastados) ou indireta (descarregar caminhões, retirar o lixo, tomar conta de carros e converter o dinheiro recebido em *bichas*). *Wally*, por ter tido problemas na realização de um serviço, no *Bronx*, está devendo uma determinada quantia de dinheiro. Para conseguir saldar a dívida, voltou a prostituir-se. Já *Zero*, que realiza o trabalho da reciclagem sem muita regularidade, comentou que seu trajeto de coleta sempre varia. Quando consegue o suficiente para o consumo do dia, o trabalho se encerra.

Mestre se considera um expert na arte de manipular. Muito orgulhoso contou que “subia em um transmilenio chorando e descia chorando por trinta ou quarenta mil”. Era uma quantia que dava para as *bichas* do dia e ainda sobrava para pagar a dormida em algum local. Um dormir que, em função do conhecimento que tinham das questões meteorológicas, podia mesmo comprometer a quantidade desejada para o consumo. *Gentil* atestava que já sabiam quando ia chover forte. Esse era, então, um dia de reduzir o consumo para que sobrasse dinheiro para pagar um quarto. Quarto que poderia ser, de acordo com *Espedita*, na própria *olla*, pois, ali, já era possível dar um *pipazo*²⁹ e dormir.

Todos os caminhos levam às ollas

A partir dos exemplos e situações apontadas, não se deve assumir, entretanto, que a vinculação às *ollas* ocorra dentro de uma lógica simples e possível de ser expressa pelos pares corpo-droga, consumo-*olla*. O que torna possível afirmar que todos os caminhos levam até elas é mais complexo do que uma conexão de usuários com um determinado lugar para

Bogotá – relacionados ao ano de 2011, apontam que 93,8% dos *habitantes de calle* são consumidores de algum tipo de droga e 72,9% consomem o *bazuco*.

²⁷ Durante o tempo de pesquisa e o contato com um número relevante de *habitantes de calle* – em diversas situações e locais – apenas dois não consumiam.

²⁸ O *bazuco* é uma droga que é inalada em cachimbos (*pipas*) ou no formato de cigarros. Sua composição pode variar tanto na quantidade de cocaína (entre 30% e 90%) como nos alcalóides e outras misturas que fazem “render” e dar liga (maconha, tabaco, raspas de ladrilho cerâmico e, de acordo com muitos *habitantes de calle*, osso humano).

²⁹ Inalar o *bazuco* utilizando-se de um cachimbo.

compra de entorpecentes.

O que de fato pode ser percebido é que as *ollas* afetam seu entorno e conformam, a seu redor, um sistema de comércios e serviços que não passam diretamente pela comercialização das drogas, mas que dele depende e se utiliza. Nessa lógica, os *habitantes de calle* desempenham um papel multifacetado numa relação diversa. São usuários, mas também clientes e trabalhadores.

No entorno das *ollas*, há pensões e hotéis que oferecem quartos de preços variados e que podem estar também vinculados com serviços relacionados ao sexo. Segundo *El Profe*, alguns donos destes estabelecimentos oferecem também para os *habitantes de calle* mais frequentes e conhecidos, o empréstimo de dinheiro³⁰ que sempre implica no pagamento em dobro.

Para atender a ampla gama dos sujeitos que frequentam o local, vendedores ambulantes oferecem comida, roupas e uma variada gama de produtos a baixo preço. São, ainda, encontradas, em seu redor, zonas de escambo – onde se pode trocar objetos, muitos deles roubados – e *parches*³¹ públicos ou privados. Como estão localizadas em uma região fortemente comercial, a mão de obra barata oferecida pelos *habitantes de calle* – que tem o preço das *bichas* como lógica de acordo na negociação dos preços – é utilizada para pequenos serviços cotidianos e que serve de fonte de renda também para os que não usuários de drogas³².

Em resumo, no entorno expandido das *ollas*, os *habitantes de calle* encontram, além do farto cardápio de entorpecentes, lugares para comer, dormir, socializarem-se, divertirem-se e trabalhar. Forma-se, assim, uma região que tem como função primária a comercialização de drogas, mas que se expande e conforma, no espaço urbano, como um centro de serviços e negócios, altamente rentável, que movimenta um grande volume de dinheiro e de corpos vinculados direta ou indiretamente ao microtráfego.

E das ollas, para onde?

Uma breve conversa com comerciantes e residentes das regiões próximas às *ollas* deixa transparecer os incômodos que sentem pela presença constante dos *habitantes de calle*. Não são raros os discursos que descrevem tais lugares como marginais, deteriorados,

³⁰ Isso exemplifica, inclusive uma observação de um participante das atividades do Centro Ambulatório: “há como que catorze tipos de moradores de rua (...) e entre os moradores de rua podem haver estratos”.

³¹ Os *parches* são os locais de encontro para consumo e socialização. Ocorre tanto em lugares públicos como é o caso da *Plaza España*, *Plaza de Los Mártires* e *Parque Santa Fe*, como em edificações. Nesse último caso, a entrada é paga.

³² Em abstinência há alguns dias, *Asterix* comenta sobre sua força de vontade para continuar vendendo pequenos produtos eletrônicos na *Praça de Los Martires*, em frente ao *Bronx*.

abandonados, mal planejados, inseguros e violentos. Sem entrar na veracidade ou não desta percepção, fato é que, em Bogotá, as maiores *ollas* estão localizadas na região central, histórica e próxima a uma rede densa de serviços e de infraestrutura urbana. Nesse sentido, no que toca a questão dos *habitantes de calle*, é necessário explorar as funções que podem vir a desempenhar numa queda de braços que tem, de um lado, o sistema das *ollas* – no qual são consumidores de drogas, serviços e comércio e também força de trabalho – e, do outro, a lógica do urbanismo neoliberal que promete espaços livres das queixas pontuadas pelos comerciantes e residentes – e no qual são figuras negativamente emblemáticas e estratégicas por contribuírem para o cenário de degradação que justifica projetos de renovação e requalificação urbana.

Entre estes dois extremos estrutura-se a pergunta que se pretende explorar em um próximo momento: corpo individual e populacional, como os *habitantes de calle* se inserem na lógica que tanto pode alterar como manter o tecido urbano já esgarçado de determinados pontos da cidade? E para que finalidade?

Referências

AGUILERA, Mario Peña. División Política-Administrativa de Colômbia. **Credencial História**. Bogotá, edición 145, enero de 2002.

BORNHEIM, GERD. As Metamorfoses do Olhar. In: NOVAES, Aduino (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CARMAN, Maria; JANOSCHKA, Michael. Presentación del dossier Ciudades en Disputa: Estudios urbanos críticos sobre conflictos y resistencias. In: Revista del Área de Estudios Urbanos Instituto de Investigaciones “Gino Germani”. Año 4, n. 4, s/d.

CARRASCAL, Oscar Navarro; LONDOÑO Marta Gaviria. Representaciones Sociales del Habitante de Calle. **Universitas Psicológica**. Bogotá, Vol. 9, n.2, 2010.

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CONSEJO DE BOGOTÁ. **Proyecto de Acuerdo n.08 de 2009**. Disponível em: <<http://www.alcaldiabogota.gov.co/sisjur/normas/Norma1.jsp?i=34749>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

CORTÉS, José Miguel. **Políticas do Espaço: arquitetura, gênero e controle social**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

DÍAZ, Marcos Ernesto Cortés. **La Anexión de los 6 municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidade Nacional de Colômbia, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo, Martins Fontes, 2008b.

FREY, James; FONTANA, Andrea. The Group Interview in Social Research. In: **The Social Science Journal**. Vol. 28, n.2, 2/1991.

GÓNGORA, Andrés; SUARÉZ, Carlos José. Por Una Bogotá Sin Mugre: violencia, vida y muerte en la cloaca urbana. In: **Universitas Humanística**. n.66, jul./dec. 2008.

CARBONELL HIGUERA, Carlos Martín. El Reordenamiento del Espacio Urbano en el Sector de San Victorino y Santa Inés (Bogotá) en relación con las dinámicas de informalidade y marginalidade (1948 – 2010). In: **Território**. Bogotá, n.24, 2011, p.131-136.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 160p.

NASCIMENTO, Cristiano. O Edifício como Espaço Analítico. In: **Arquitextos: Vitruvius**. Disponível em: <<http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/08.093/168>>. Ano 08, fev. 2008. Acesso em: 08 out. 2011

NEVES, Delma. Dossiê - Categorizações Deformantes: patrimônio de gestão dos pobres (mendigos, vagabundos, população em situação de rua). **Revista Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Niterói, n.29, 2º sem. 2010.

PERILLA, Mário. **El Habitar en la Jimenez con Séptima de Bogotá**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008.

SECRETARÍA DISTRITAL DE PLANEAMIENTO – SDP. **Proyecciones de Población 2005-2015**. Bogotá, 2007. Disponível em: <<http://www.sdp.gov.co/PortalSDP/InformacionTomaDecisiones/Estadisticas/ProyeccionPoblacion>>. Acesso em: 02 dez. 2014

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niteroi: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988. 192p.